

Implementação informatizada da Sistematização da Assistência de Enfermagem: uma proposta na evolução do cuidar

Implementation of computerized systematization nursing care: a proposal of care in evolution

Karla Ferraz dos Anjos¹; Vanessa Cruz Santos¹; Obertal da Silva Almeida²; Antônio Acácio Guimarães Simão³

¹Graduandas do curso de Enfermagem – FTC. Vitória da Conquista, BA Brasil

²Orientador, Mestre em Agronomia – Área de concentração em Fitotecnia. Docente – FTC. Vitória da Conquista, BA [Brasil]

³Orientador, Enfermeiro Assistencial e Especialista em UTI e Clínica Médica. Mestrando em Ciência do Desporto – UTAD. Portugal. Docente – FTC. Vitória da Conquista, BA [Brasil]

Endereço para correspondência

Karla Ferraz dos Anjos
R. Mato Grosso, nº 60, Bairro Brasil
45000-000 – Vitória da Conquista, BA Brasil
autoraautoraria@hotmail.com

Resumo

Objetivos: Este estudo tem como objetivo geral discorrer sobre a importância da implementação informatizada da SAE como proposta na evolução do cuidar, e como objetivos específicos, enfatizar a necessidade da capacitação dos enfermeiros para a execução dessa sistematização. **Método:** Trata-se de uma revisão da literatura a fim de superar os empecilhos que dificultam sua execução na prática diária desses profissionais. **Resultados:** Com o estudo foi possível notar que o processo de globalização pode unir as tecnologias digitais à Sistematização da Assistência de Enfermagem e proporcionar aos enfermeiros utilizá-la de maneira mais ágil. **Conclusões:** Assim, evita-se que ela estacione como um velho paradigma.

Descritores: Assistência de enfermagem; Capacitação profissional; Autonomia profissional.

Abstract

Objectives: This study has the general objective of discussing the importance of the computerized implementation of SNC as a proposal in the development of care, and the specific objectives of emphasizing the need for training nurses to carry out this systematization. **Method:** It is a literature review in order to overcome obstacles that hinder its fulfilment in the daily practice of these professionals. **Results:** With the study, it was possible to note that the globalization process can link the digital technologies to the Systematization of Nursing Care and enable nurses to use it in a more agile way. **Conclusions:** Thus refraining it from stagnating as an old paradigm.

Key words: Nursing care; Professional training; Professional autonomy.

Introdução

Observa-se, há muitos anos, que existe uma preocupação em orientar as atividades de enfermagem com ênfase ou pautadas no método científico, tendo como objetivo o desenvolvimento e a divulgação do processo de enfermagem, o qual se originou da necessidade de organizar os serviços dessa profissão, sendo inicialmente expresso na literatura norte-americana nas décadas de 1950 e 1960. No Brasil, tal processo foi divulgado principalmente por Wanda Aguiar Horta que publicou um livro, em 1979, a respeito da assistência de enfermagem. A taxonomia da *North American Nursing Diagnosis Association* (NANDA) foi o primeiro sistema de classificação para diagnósticos de enfermagem disponível em português, tendo sido traduzida e modificada por Nóbrega e Garcia em 1994¹.

Desde 1950 até a primeira metade dos anos 60, pesquisadores definiram planos de cuidados de enfermagem, e enfermeiros assistenciais iniciaram a operacionalização da ideia. Esse plano era, inicialmente, elaborado para pacientes que apresentavam as mesmas doenças, porém cada um reagia de forma diferenciada. Nessa época, o processo da Sistematização de Enfermagem ainda não era individualizado. Com isso, distorções começaram a ocorrer e os profissionais iniciaram investigações a fim de rever as metodologias propostas. Desde então, essas receberam várias denominações, tais como Plano de Cuidados, Metodologia da Assistência, Sistemática da Assistência ou Processo de Enfermagem².

No contexto etiológico da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), sua prática começou a sofrer modificações quando foi percebida a necessidade não apenas de prestar os devidos cuidados aos pacientes, mais também saber quais seriam as melhores alternativas para que eles fossem atendidos de maneira holística e humanizada, pois cada doença, embora tenha conceitos próprios, torna-se diferente a partir da sintomatologia apresentada em cada paciente.

Informatizar a SAE, na prestação de cuidados ao paciente, continua sendo o principal objetivo da equipe de enfermagem. Pode-se depreender, disso, que tal processo, no Brasil, está em construção e reconstrução contínuo, na procura por caminhos e estratégias que sejam aplicáveis nas diferentes áreas de atuação profissional³.

Na atualidade, nota-se que a área da saúde se expande constantemente, e em meio a tantas evoluções científicas e avanços tecnológicos, a habilidade no cuidado ao paciente é o principal da equipe de enfermagem. Por isso, a conceituação/denominação abrangente desse cuidar, propicia a SAE mérito por excelência, uma vez que desde sua criação é somada às evoluções ocorridas, ao longo do tempo, na área da saúde, sendo ela própria a evolução do cuidar.

A Resolução nº 272/2002 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem que indica as etapas da consulta de Enfermagem e estabelece os componentes de cada uma: histórico de enfermagem, exame físico, diagnóstico de enfermagem, prescrição de enfermagem, evolução de enfermagem e relatório de enfermagem, devendo ocorrer sua implementação em todas as instituições de saúde, públicas ou privadas⁴.

Considerar a SAE como uma assistência ampla e complexa, pressupõe, além de entender sua relevância na interatividade e complementaridade na formação dos profissionais de enfermagem, também compreender sua importância nas práticas de cuidado de cada profissional e a necessidade de os órgãos legisladores a incorporarem, desde a academia, com base em referenciais mais flexíveis, criativos e dinâmicos⁵.

A SAE é um relevante recurso que os enfermeiros dispõem para aplicar e demonstrar seus conhecimentos técnico-científicos e humanos no cuidado aos clientes e caracterizar sua prática profissional. Envolve o planejamento dos cuidados, traduzido na prescrição de cuidados de enfermagem, expressa de forma organizada os objetivos diários da assistência a

cada paciente, visando uma melhor qualidade assistencial. Constitui-se em um instrumento para que as ações de enfermagem possam ser registradas e contabilizadas, representando um importante passo para a definição e valorização da enfermagem como profissão⁶. Vale ressaltar que a utilização desse processo, descaracteriza o tecnicismo e repetição de ações rotineiras, proporcionando uma prática de enfermagem adequada às necessidades da clientela e segurança aos profissionais envolvidos⁷.

Analisar essa temática possibilita refletir sobre o paradoxo que há nessa profissão, pois apesar de o profissional de enfermagem ter a “chave” para o sucesso da autonomia nos procedimentos de cuidados ao paciente, mantém-se restrito a prestação de cuidados tecnicistas.

Neste estudo, tem-se como objetivo geral discorrer sobre a relevância da implementação informatizada da Sistematização da Assistência de Enfermagem como proposta na evolução do cuidar, e como objetivos específicos, enfatizar a necessidade da capacitação dos enfermeiros para a execução dessa sistematização e superar empecilhos que dificultam a sistematização na prática diária dos profissionais de enfermagem.

Metodologia

Como procedimento metodológico, foi adotada a pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base nas contribuições de diversos autores que trabalharam assunto relacionado com o objeto do trabalho. Foram consultados somente documentos cujos dados e informações já tinham recebido um tratamento analítico. Esse tipo de estudo é, sem dúvida, uma das maneiras mais importantes de iniciar uma pesquisa, pois é uma etapa prévia necessária para investigar seja qual for o problema em questão⁸. Buscou-se pesquisar em literaturas já respaldadas, como escritos científicos sobre o referido assunto.

Realizou-se inicialmente a pré-leitura de material referente ao tema e, posteriormente, fo-

ram avaliados e selecionados os periódicos e literaturas mais atuais e condizentes aos objetivos propostos. Dentre as literaturas, foram lidos 29 artigos de periódicos *on-line*, e selecionados, 16; leram-se também 6 livros, sendo selecionados 2 para confecção desta pesquisa.

Para a elaboração do estudo, foi considerada a inclusão de artigos publicados em periódicos da área da saúde e educação, no período de 2000 a 2009, utilizando-se como base de dados o Scielo, BDEF, LILACS, LATINDEX, BVS-Enfermagem e outros *sites*, obtendo-se dados relevantes por meio de revistas, tais como *Cogitare*; *Latino Americana de Enfermagem*; *Eletrônica de Enfermagem*; *Educação, Meio Ambiente e Saúde*; *Escola Ana Nery*, *Ciências e Consciência*, *Brasileira de Enfermagem*, além de livros, no período de 1993 a 2006. Foi realizada, para coleta de dados, pesquisa no órgão responsável pelo regimento da profissão de enfermagem, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN).

Resultados e discussão

Nesta pesquisa, foi possível verificar, por meio da história da Enfermagem, que o reconhecimento da profissão ocorreu no momento em que o método empírico deixou de ser a única forma de cuidar-se de pessoas enfermas e quando esse cuidar passou a ser visto não mais como um gesto de caridade, mas sim uma conduta profissional da mesma maneira que outras utilizadas em prol da assistência a pacientes.

Para que ocorra um melhor entendimento da relevância da implementação da SAE nas unidades hospitalares no Brasil, de acordo com a NANDA, é necessário primordialmente conhecer suas fases que são divididas em: coleta de dados, diagnóstico, planejamento, implementação, evolução e prognóstico⁹.

A coleta de dados se caracteriza pelo levantamento dos problemas identificados nos pacientes, por meio de seu relato e da observação do enfermeiro, considerando a história pregressa e anamnese respectivamente. As informações

colhidas devem ser registradas no histórico de enfermagem. Lembrando que essa fase da SAE é o instrumento primordial para que as demais prossigam, assim quanto mais detalhada melhor será o êxito alcançado na sua aplicação. O diagnóstico de enfermagem é um julgamento clínico sobre as respostas do indivíduo, da família ou da comunidade a problemas de saúde, sendo processos vitais reais ou potenciais⁹.

Haja vista que as fases do processo de enfermagem são sucessivas e interligadas, a formulação errônea do diagnóstico de enfermagem pode comprometer as demais etapas do processo. Tem-se observado nos hospitais dificuldades para implementá-lo na assistência, e acredita-se que essas dizem respeito à forma como o ensino da temática tem sido conduzido durante o período de formação acadêmica¹⁰. O planejamento é a fase na qual ocorre a determinação global da assistência de enfermagem, entendida como cuidados que o ser humano deve receber diante do diagnóstico estabelecido. A implementação é o plano assistencial diário que coordena as ações da equipe de enfermagem na execução dos cuidados adequados ao atendimento das necessidades básicas e específicas do indivíduo¹¹. A evolução de enfermagem é o relato das mudanças sucessivas que ocorrem diariamente com o indivíduo, sua família ou comunidade, enquanto ele estiver sob assistência da equipe de enfermagem¹².

O estudo analítico e de avaliação das fases anteriores completam o hexágono com o prognóstico de enfermagem, essa última fase representa a estimativa da capacidade do indivíduo em atender suas necessidades básicas, alteradas após a implementação do plano assistencial e à luz dos dados fornecidos pela evolução de enfermagem¹¹.

A SAE não se resume apenas no modo de fazer, mas também de pensar a prática assistencial, por isso é visível que a implementação do processo de enfermagem envolve três áreas inter-relacionadas de cognição: diagnóstico, terapia e ética¹³. O processo de assistência de enfermagem passou a ser alvo de preocupação

para os profissionais brasileiros. Esse fato teve reflexo desde a implementação dos currículos nos cursos de enfermagem das universidades do País, até a necessidade de os serviços de saúde repensarem a melhor maneira de sistematizar os atendimentos de enfermagem para satisfazer as necessidades dos clientes. Apesar disso, implementar uma nova proposta na aplicação da SAE, ainda constitui um grande desafio para os gestores das unidades hospitalares, e para a equipe de enfermagem².

Grande parte dos enfermeiros já têm a percepção da necessidade de utilizar a SAE, pois ela representa a conquista de um “novo espaço”, isto é, um novo modo de pensar, fazer, ensinar e gerenciar as mudanças. No entanto, a prática de enfermagem necessita ser questionada quanto aos processos problematizadores para que sua trajetória, enquanto um processo cultural, não se constitua em mais uma alternativa frustrada e/ou um processo puramente normativo e/ou legal¹⁴.

Dentre as dificuldades encontradas na implementação da SAE, destacam-se: o apoio da instituição para com os profissionais de enfermagem; déficit de equipamentos informatizados, como o computador; familiarização com um sistema digitalizado; interesse profissional e o dimensionamento das equipes; conhecimento dos diagnósticos de enfermagem e seu raciocínio clínico¹⁵. Além disso, muitas vezes se deve principalmente ao déficit de experiência e a visão de que o processo possa ser uma questão de escolha e, por isso, não é viável à prática profissional. Então, além da informatização da SAE, é preciso capacitar os profissionais para que ela se transforme numa prática concisa.

A grande maioria dos enfermeiros julga importante implementar a SAE, normatizando, assim, suas ações; entretanto, na prática, os métodos de assistência são utilizados de forma inexpressiva e, quando utilizados, apresentam-se de forma indefinida, dada as muitas dificuldades encontradas para sua operacionalização⁷.

Diversos profissionais de saúde não estão habituados com a presença permanente de en-

fermeiros (a) e discentes necessários para a implantação da SAE. Além disso, poucos conhecem as competências técnicas e legais da equipe multiprofissional, o que dificulta o desenvolvimento das atividades voltadas à implantação. Algumas dificuldades são decorrentes do déficit de reconhecimento profissional e resistência da equipe de saúde às atividades realizadas, assim como dos obstáculos existentes na interdisciplinaridade, pois vários são os profissionais de saúde que desconhecem a enfermagem como uma profissão que tem autonomia e é capaz de cuidar com princípios técnico-científicos¹⁶.

A carência de estudos voltados para o relato das instituições e/ou serviços que implementaram a SAE é visível, o que impossibilita saber se ela, realmente, é utilizada nas instituições de saúde, ou se é ignorada desde o ambiente acadêmico, justificando a produção tão reduzida desse conhecimento¹⁷.

Na prática, o uso dos diagnósticos de enfermagem tem provocado calorosos debates, pois ainda existem enfermeiros que julgam como conduta desnecessária para utilização no planejamento das ações de enfermagem, desconsiderando que as intervenções devam ser justificadas pela presença de fenômenos identificáveis e avaliadas com base nos resultados esperados. Os diagnósticos de enfermagem proporcionam à equipe uma estrutura para a organização de sua ciência, mas o seu uso requer conhecimento e envolve responsabilidade¹⁸.

É impossível chegar a algum lugar desejado sem saber a direção a ser tomada. A bússola que guia um navegador em alto mar é o subsídio para que ele encontre solo firme, assim como os diagnósticos de enfermagem guiam o enfermeiro no planejamento de suas ações auxiliando a “alcançar o seu solo”, ou seja, a identificar os problemas de seus clientes e proporcionar-lhes a assistência mais adequada possível.

A implantação da sistematização tem acontecido de forma lenta e dificultosa. Comumente é notável a resistência dos enfermeiros em utilizá-la, isso se deve, muitas vezes, à falta de experiência prévia em outros serviços ou a percepção

de que o processo é complexo e complicado, não sendo factível na prática diária¹⁸.

Para que a SAE possa ser estabelecida, é de vital importância que o enfermeiro (a) abandone muitos dos pressupostos teórico-práticos do modelo biomédico, de modo a enterrar preconceitos antigos e estáticos adotando o atual modelo. Pois, sem sombra de dúvida, é o mais arrojado e o que lhe permite a visualização de seus esforços, fundamentados cientificamente, como estratégias para planejar o cuidado individualizado do paciente e de maneira holística¹⁹.

Apesar de a mecatrônica construir constantemente máquinas e robôs que realizam tarefas muito próximas as do ser humano, não há dentre suas funções o cuidar de um ser vivo. Por isso, a evolução da equipe de enfermagem está baseada no toque a cada paciente, que soma teoria, prática, raciocínio lógico e a vontade desses profissionais que adotam como “ferramenta” básica de sua profissão o cuidado com o próximo. Assim, considerada uma prática evolutiva da enfermagem, a SAE direciona o profissional da saúde para a prestação de serviços mais eficazes, uma vez que a informatização de tal prestação lhe possibilita oferecer um cuidar mais holístico.

Fazendo uma analogia, é possível comparar enfermeiros que adotam essa proposta e sabem edificá-la com bons engenheiros civis que ao se responsabilizarem por uma obra conhecem primeiramente as características da área de construção, relacionando-as com os problemas encontrados, a fim de traçar um “diagnóstico” para planejar a construção, começando pelo alicerce e “prescrevendo” o que será necessário para a equipe realizar. Um engenheiro é capaz de compreender as mudanças no decorrer dos trabalhos para então avaliar as fases retrospectivas e subsequentes e, assim, descobrir se a sua construção está dentro dos parâmetros desejados, conforme as metas que foram traçadas. Atualmente, grande parte dos engenheiros civis tem usado, na edificação de suas construções, uma “sistematização arquitetônica” por trabalhar de maneira processual. Entretanto, vários

profissionais de enfermagem adotam procedimento diferente, pois não procuram conhecer a sua área de trabalho, “o corpo humano”, como um todo; oscilam entre o técnico e o científico, e não percebem que na linha mediana dessas extremidades está a SAE que pode ser usada como instrumento para reconhecer cada ser humano de maneira ímpar.

Pensar na elaboração de um *software* para implementação da SAE, certamente, é compreender que os resultados alcançados com seu uso repercutirão significativamente na forma de administrar a assistência de enfermagem. O enfermeiro consome grande parte de seu tempo quando realiza, manualmente, o plano de cuidado para cada um dos pacientes. Essa prática fica mais difícil quando, nas instituições hospitalares, o número de profissionais é pouco para atender a demanda. Nesses casos, elaborar tal plano torna-se um desafio, no qual é preciso administrar também o tempo com relação às tarefas que eles têm de realizar de forma integral e com qualidade na prestação de assistência ao paciente¹¹.

Se fosse criada uma proposta para tornar a SAE uma prática constante nas unidades hospitalares, sua informatização seria aprovada pelos profissionais que acompanham as transformações constantes da ciência, bem como as novas tendências tecnológicas da era moderna.

A SAE de maneira informatizada na prática nada mais é que o gerenciamento do cuidado de forma mais rápida e com maior segurança. Por isso, o enfermeiro deve apoiar-se em conhecimentos científicos e práticos interligando-os às noções de gerenciamento, além de conhecer a unidade em que trabalha, sua equipe e o perfil de seus clientes para priorizar o atendimento cuja assistência ele tiver planejado²⁰.

Conclusão

Baseado nas evidências apresentadas neste estudo é possível compreender que a implantação da Sistematização da Assistência de

Enfermagem, bem como o uso desta de maneira informatizada nas unidades hospitalares depende de enfermeiros capacitados e com a disponibilidade de adotá-la como alicerce de sua profissão, afinal, tal assistência cientificamente é bastante relevante como instrumentação no cuidar da equipe de enfermagem.

Nota-se, atualmente, que há muitos empecilhos para a implementação de uma assistência sistematizada, por esse motivo ela é uma realidade ainda distante em várias unidades hospitalares. O déficit de conhecimento dos profissionais em relação à SAE é visível, por isso é preciso mudar algumas metodologias de ensino, de maneira que, durante todo o período de formação acadêmica, seja enfatizado aos discentes que essa sistematização não existe como uma opção aleatória, e sim como parte fundamental para a equipe de enfermagem.

No decorrer desta pesquisa, observou-se que um dos empecilhos para a viabilização da SAE foi o tempo necessário para colocá-la em prática. Tempo que em uma unidade hospitalar pode significar uma questão de vida ou morte. Considerando-se que a ciência da enfermagem é mutável e geradora de inovações a cada momento, é possível inferir que unir a informatização à SAE, além de ocorrer sem “robotizar” o cuidar, ou seja, sem que se perca sua essência humana, ainda sirva como uma proposta de globalização em que as tecnologias digitais proporcionem aos enfermeiros utilizar a Sistematização da Assistência de Enfermagem de maneira mais ágil, não permitindo que ela fique estacionada como um velho paradigma.

A implementação da SAE informatizada contribui não só na prestação de serviços oferecidos pela equipe de enfermagem, mas também na melhoria da qualidade assistencial ao paciente; por tanto, é relevante que na assistência seja incorporada uma conduta mais precisa e com maior agilidade. Em razão disso, conclui-se que a proposta sugerida neste estudo de informatizar a SAE nos hospitais brasileiros é de extrema necessidade na evolução do cuidar.

Referências

- Iyer PW, Taptich BJ, Bernocchi-Losey D. Processo e diagnóstico em enfermagem. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.
- Feijão AR, Carvalho MF, Carmo FT, Brito DMS, Galvão, MTG. Avaliação da Sistematização da Assistência de Enfermagem em hospital de doenças infecciosas. [periódico na internet]. Online Brazilian Journal of Nursing. 2006 [acesso em 2009 jan 15] 5(2). Disponível em: <http://www.uff.br/objnursing/index.php/nursing/article/viewArticle/347/78>.
- Figueiredo RM, Zem-Mascarenhas SH, Napoleão AA, Camargo AB. Caracterização da produção do conhecimento sobre Sistematização da Assistência de Enfermagem no Brasil. [periódico na internet]. Rev Esc Enferm USP. 2006 [acesso em 2010 abr 28] 40(2). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342006000200021&script=sci_arttext.
- Brasil. Conselho Federal de Enfermagem/COFEN. Resolução COFEN-272/2002. [na internet]. 2002 [acesso em 2010 abr 28]. Disponível em: <http://www.portalcofen.gov.br/Site/2007/materias.asp?ArticleID=7100§ionID=34>.
- Backes DS, Koerich MS, Nascimento KC, Erdmann AL. Sistematização da Assistência de Enfermagem como fenômeno interativo e multidimensional. [periódico na internet]. Rev Lat Am Enfermagem. 2008 [acesso em 2009 abr 28] 16 (6). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000600007&script=sci_arttext&tlng=pt.
- Pivotto F, Lunardi Filho WD, Lunardi VL. Prescrição de enfermagem: dos motivos da não realização às possíveis estratégias de implementação. [periódico na internet]. Cogitare Enferm. 2004 [acesso em 2009 out 10] 9(2):32-42. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/1714/1422>.
- Moura ACF, Rabêlo CBM, Ampaio MRFB. Prática profissional e metodologia assistencial dos enfermeiros em hospital filantrópico. [periódico na internet]. Rev Bras Enferm. 2008 [acesso em 2009 jan 8] 61(4): 476-481. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000400013&lng=e&nrm=iso&tlng=e.
- Teixeira G. Metodologia da pesquisa: por que e para que a pesquisa bibliográfica? [módulo na internet]. Ser Professor Universitário. 2005. [acesso em 2009 fev 9]. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=21&texto=1354>.
- Diagnósticos de Enfermagem da Nanda: definições e classificações. 2005-2006/North American Nursing Diagnosis Association. Trad. Correa C, Porto Alegre: Artmed, 2006.
- Andrade AC de, Vieira EO, Ribeiro SM. Trabalho da enfermagem na sistematização da assistência em diagnósticos segundo a taxonomia II da NANDA. [periódico na internet]. Rev Ciência e Consciência. 2008 [acesso em 2009 jan 5] 1(1):1. Disponível em: <http://www.revista.ulbrajp.edu.br/seer/inicia/ojs/viewarticle.php?id=1939>.
- Sperandio DJ, Évora YDM. Planejamento da assistência de enfermagem: proposta de um software-protótipo. [periódico na internet]. Rev Lat Am Enferm. 2005 [acesso em 2008 dez 27] 13(6):937-43. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n6/v13n6a04.pdf>.
- Neves RS. Sistematização da assistência de Enfermagem em unidade de reabilitação segundo o modelo conceitual de horta. [periódico na internet]. Rev Bras Enferm. 2006 [acesso em 2009 fev 10] 59(4):556-559. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672006000400016&script=sci_arttext&tlng=pt.
- Garcia TR, Nóbrega MML da. Sistematização da Assistência de Enfermagem: reflexões sobre o processo. [periódico na internet]. In: 52º Congresso Brasileiro de Enfermagem, Recife/Olinda – PE. 2000 [acesso em 2009 fev 15] p. 1-16. Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/discenfcir/material/PROdiscenfcir090824182541.pdf>.
- Campitelli S. Sistematização da Assistência de Enfermagem em unidades de terapia intensiva: percepção dos enfermeiros. [periódico na internet]. 16º Congresso de Iniciação Científica; 6ª Mostra Acadêmica UNIMEP. 2008 [acesso em 2009 fev 11] p.1-5. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/6mostra/1/297.pdf>.
- Kuchler FF, Alvarez AG, Haertel LA. Impacto sobre o tempo de execução do processo de Enfermagem auxiliado por ferramenta informatizada. [na internet]. 2006 [acesso em 2009 fev 11] p.1-4. Disponível em: <http://www.sbis.org.br/cbis/arquivos/940.pdf>.



16. Gonçalves LRR, Nogueira LT, Nery IS, Bonfim EG. O desafio de implantar a Sistematização da Assistência de Enfermagem sob a ótica de discentes. [periódico na internet]. Rev Esc Anna Nery. 2007 [acesso em 2009 fev 6] 11(3):459-65. Disponível em: <http://www.portalbvsenf.eerp.usp.br/pdf/ean/v11n3/v11n3a10.pdf>.
17. Sales LM, Afonso ESR, Santos TVC dos. Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE): Uma pesquisa nas bases eletrônicas de dados. [periódico na internet]. Rev Educ, Meio Ambiente e Saúde. 2008 [acesso em 2009 jan 15] 3(1):197-207. Disponível em: [http://www.faculadedefuturo.edu.br/revista/2008/pdfs/REMAS3\(1\)197a207.pdf](http://www.faculadedefuturo.edu.br/revista/2008/pdfs/REMAS3(1)197a207.pdf).
18. Lopes MHBM. Experiência de implantação do processo de enfermagem utilizando os diagnósticos de enfermagem, resultados esperados, intervenções e problemas colaborativos. [periódico na internet]. Rev Latino-am Enferm. 2000 [acesso em 2009 jan 12] 8(3):115-18. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692000000300017.
19. Beteghelli P, Toledo VP, Crespschi JLB, Duram ECM. Sistematização da Assistência de Enfermagem em um ambulatório de saúde mental. [periódico na internet]. Rev eletrônica de Enferm. 2005 [acesso em 2009 fev 18] 7(3): 334-43 Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista7_3/original_11.htm.
20. Santos DJM dos, Bertuol RB, Fillagrama S. SAE - Sistematização da Assistência de Enfermagem. [na internet]. Hospital Santo Antônio-Blumenau SC. 2009 [acesso em 2009 fev 3] p.1-22. Disponível em: <http://www.sbis.org.br/cbis/pdfs/RAFAEL%20BERTUOL%20-%20SAE-%20SISTEMATIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20ASSIST%C3%8ANCIA%20DE%20ENFERMAGEM2.pdf>.